

## GALEGOS, IMIGRANTES E COMERCIANTES: SÍRIO-LIBANESES NO CEARÁ (1888 – 1930)

Ruben Maciel Franklin\*

**RESUMO:** Este artigo pretende esboçar algumas considerações em torno da inserção dos imigrantes sírio-libaneses no estado do Ceará entre os últimos anos do século XIX e início do XX, quando o crescimento comercial abriu diversas oportunidades para investimentos e muitos comerciantes adentraram importantes setores como roupas, sapatos e outros acessórios de joalherias, o que permitiu aos sírio-libaneses encontrarem um contexto favorável para vender mercadorias e abrir suas próprias lojas. Neste intuito, procurei delinear questões sobre a organização social destes imigrantes no Ceará, ressaltando o papel das redes comerciais em que atuavam e meios pelos quais buscaram negociar suas posições dentro da hierarquia comercial do Ceará.

**Palavras-chave:** imigrantes, comércio, Ceará.

**ABSTRACT:** This article intend to sketch some comments in lathe of the insertion of immigrants Syrians and Lebanese in the state of Ceará in Brazil between the last years of the nineteenth century and beginning of the twentieth, when the growth of the commerce was opening a lot of possibilities for investments and a lot of traders were interesting in important sectors, for example: dresses, shoes and others jewel accessories. So, the Syrian and Lebanese found a great context to sell their merchandises like an ambulant and to get their own store. I also looked for to create some questions about social organization these immigrants in the commerce and how they negotiate their positions inside hierarchy of the Ceará.

**Keywords:** immigrants, commerce, Ceará.

*O senhor Jamil, (...). Nasceu em Beirute e, para fugir ao serviço militar da Turquia, emigrou para os Estados Unidos. Desembarcaram-no porto de Recife dizendo-lhe que o fazia numa cidade norte-americana. Descoberto o logro, não se conformou. E, sabendo da existência de um primo em Fortaleza, meteu-se num navio da Loide, como passageiro de terceira e aqui desembarcou. (...)*

*Com o pouco dinheiro que lhe restava, adquiriu pentes, espelinhos, caixas de pó, escovas de dente e iniciou-se no comércio ambulante. Seguia pelas ruas da cidade a bater o seu metro dobrado ao meio, enquanto o acompanhava, de perto, um caboclo cearense, mala de mercadorias na cabeça.*

*Conseguiu larga clientela e, anos depois, se estabelecia no Mercado Público, local onde hoje se levanta o edifício dos Correios e Telégrafos. Ali, na companhia de quase toda a colônia síria e libanesa, armou a sua modesta tenda de mercadorias populares. Pedia preço altíssimo, para vender finalmente pela metade e às vezes por um terço a mercadoria procurada. (...)*

*Quando aqui cheguei, todos nós éramos galegos, árabes ou turcos. Depois passamos a gringos, como todo estrangeiro. Agora nos chamam libaneses. (CARVALHO, 2003 [1963]: 307 - 308)*

---

\* Mestrando em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O relato acima se constitui parte da caracterização escrita pelo romancista Jader de Carvalho sobre a trajetória do imigrante libanês Jamil Asfora na cidade de Fortaleza nos primeiros anos do século XX. Tal descrição, construída em torno das memórias do referido imigrante concernente às motivações que o impulsionaram a sair de sua terra natal e os meios pelos quais procurou garantir sua sobrevivência, me permitiu indagar a respeito da presença dos sírios e libaneses no Ceará, bem como de suas estratégias de inserção local, através do comércio urbano e das relações que traçaram como meio de afirmar-se na sociedade cearense.

Então, seguindo os rastros de Jamil Asfora em Fortaleza, tratarei de dialogar com outras fontes historiográficas no sentido de propor uma discussão relativa às possibilidades oferecidas pela expansão comercial do estado e, como esta se tornou um fator de atração para os imigrantes que encontravam no Ceará uma alternativa de vida ou mesmo de enriquecimento pela via comercial. Nessa direção, ainda discutirei sobre as redes de solidariedade que perpassavam a organização social destes imigrantes, orientando o estabelecimento de outros patrícios no estado a partir de contatos que os interligavam as demais regiões brasileiras e, notadamente, a terra de origem.

Fugindo da opressão turca no Líbano, num contexto em que informações tocantes as facilidades de trabalho e obtenção de riqueza fácil na América transitavam tanto nas aldeias da Síria e do Líbano como nas áreas urbanas e portuárias, sobretudo, da capital Beirute (GATTAZ, 2005), Jamil Asfora intentou emigrar para os Estados Unidos. Possivelmente, detinha certos contatos e visualizava oportunidades de enriquecimento, devido a existência de emigrantes, que saídos do Líbano nos últimos decênios do século XIX, enviavam quantidade considerável de dinheiro à família, reafirmando com isso as vantagens de emigrar e as potencialidades de fazer fortuna. Em poder dessas informações, Jamil Asfora projetara sua vida tendo em vista a conjuntura e as possibilidades que lhe surgiram. (VELHO, 2003)

Segundo Truzzi (2001), os imigrantes não detinham conhecimento preciso sobre a extensão da América e, muitas vezes, acabavam por encurtar distâncias entre os espaços, pensando os Estados Unidos nos limites de Nova York ou reduzindo a América do Sul ao território brasileiro. Daí, muitos destes terem sido enganados por agenciadores de viagens presentes nos portos de Marselha (França) e Gênova (Itália), locais em que os navios passavam antes de se dirigirem aos portos americanos e onde os sírios e libaneses poderiam até aguardar por semanas, gastando o dinheiro acumulado com estadia e alimentação, assim como adquirindo em alto preço bilhetes de viagens que, teoricamente, os levariam a Nova York, mas que na prática os desembarcavam nos portos brasileiros. No caso de Jamil Asfora, em Recife.

“Descoberto o logro”, Jamil Asfora teve que reorganizar seu trajeto. As novas circunstâncias que lhe apareceram necessitavam de novas respostas em torno do projeto inicial, devido às situações inesperadas que experimentou no percurso. Ao que tudo indica, mesmo antes de partir de Beirute, este imigrante já detinha conhecimento a respeito de um *brimo* que residia e comercializava no Ceará e de quem, possivelmente, ouvira comentários ou até mesmo mantivera contato. Assim, Jamil Asfora pode redefinir suas condições e estratégias, orientando-se dentro do campo de possibilidades (VELHO, 2003) que estava configurado. Tão logo, “*meteu-se num navio da Loide, como passageiro de terceira e aqui [Fortaleza] desembarcou. (...)*”.

Dessa maneira, o deslocamento deste sujeito para o Ceará esteve fortemente atrelado a constituição de redes sociais entre os imigrantes, perpassando informações sobre oportunidades de atuação comercial e alternativas de sobrevivência que geriam também as relações de ajuda mútua entre os emigrados. Fazendo com que “o fugir ao serviço militar da Turquia” não explique isoladamente o desejo de emigrar. No limite, ter um patrício no Ceará oferecia a inclusão no comércio local pela aquisição de mercadorias, meio de moradia e sustento nos primeiros momentos do imigrante na nova terra.

A partir desses indícios, segue-se que o projeto individual de ascensão social na América objetivado por Jamil Asfora e que foi, de certa forma, metamorfoseado pelas situações imprevistas que teve de enfrentar, estava intimamente associado e dependente de outros projetos com os quais teve que negociar através das relações recíprocas entre patrícios, que conduziam a experiência coletiva dos sírios e libaneses emigrados.

Portanto, ao observar essas redes articuladas que orientavam atitudes e opções em ocupações e deslocamentos, ficam insustentáveis explicações simplistas sobre o porquê da presença de imigrantes sírios e libaneses no Nordeste, como a de Valderéz C. Pimentel, que procurando respostas para o estabelecimento dos sírios no Piauí recaiu sobre uma eventual similaridade entre as difíceis condições de vida dos “sírios” em sua terra de origem e dos habitantes do Nordeste brasileiro, sendo esta “(...) *uma das razões pelas quais os sírios tão bem se localizam no Nordeste, comungando com os nordestinos as angústias da terra que se povoa de milhares e milhares de miseráveis (...)*” (PIMENTEL, 1986: 71).

Se as redes sociais funcionavam como meio de orientação entre os patrícios, concedendo certa organização aos deslocamentos por “*redes de recepção dos mesmos imigrantes, articuladas, sobretudo segundo origens regionais, vínculos de parentesco e afinidades religiosas*” (TRUZZI, 1997: 226), as condições sócio-econômicas dos estados em

que se inseriam também poderiam ser definidas enquanto alternativas dentro do campo de possibilidades.

Adentrar o Ceará, certamente não foi resultado de um “espírito” empreendedor natural aos sírios e libaneses, ou de uma atitude desbravadora e heróica inerente aos mascates, como uma historiografia recorrente costumou salientar (HAJJAR, 1987; PIMENTEL, 1986). Os imigrantes dentro de um projeto coletivo de ascensão social tinham uma margem de escolha no que se refere ao estabelecimento em determinada localidade e as tomavam com base tanto nas redes sociais já explicitadas como em perspectivas de melhoria de vida no que se refere aos espaços de atuação existentes no comércio.

Por conseguinte, temos que caracterizar o processo de urbanização e centralização comercial da cidade de Fortaleza intensificado nas primeiras décadas do século XX. Período em que entrada contínua de capitais estrangeiros (Inglaterra, França e EUA) avolumava o fluxo de mercadorias, pelo incremento na atividade portuária, somado a atuação de Companhias de Navegação e expansão do número de lojas cadastradas junto ao fisco municipal. (TAKEYA, 1995)

Vejamos as palavras do viajante francês Paul Walle, <sup>1</sup>referindo-se ao comércio fortalezense, quando passou pelo Ceará em 1910:

*Dado o conceito que goza cidade, de ser um lugar pouco atraente, sem produtos a oferecer, o viajante é tomado de surpresa, ao deparar-se com entrepostos cheios de artigos variados, prontos para serem embarcados, (...)  
Também surpreende a animação reinante nas ruas, longas e retas que atravessam a cidade de um extremo ao outro. As de maior comércio são as Ruas Facundo, Formosa, e Marechal Floriano, na qual se encontra um velho mercado de aspecto pitoresco. (WALLE, 2006 [1920]: 223)*

Aqui me atenho a algumas expressões significativas, na quais, a “animação reinante” se remete a uma quantidade expressiva de sujeitos transitando pelas principais ruas comerciais da cidade, muitos envolvidos na circulação de mercadorias entre armazéns, lojas e pequenas bancas existentes no “mercado pitoresco”. Tal elucidação encontra “prova” para além das palavras de Paul Walle (GINZBURG, 2002). Sendo assim podemos imaginar o viajante percorrendo as ruas citadas e se espantando, não com uma eventual modernização citadina, mas com um aparato de lojas e transações que contradiziam suas expectativas pré-concebidas. Possivelmente, caminhou entre Casas importadoras, exportadoras e retalhadoras cujas

---

<sup>1</sup> É importante salientar que este viajante estava a serviço do governo francês no intuito de investigar espaços para investimentos financeiros, ou seja, áreas atrativas no que concerne ao comércio.

existências foram acusadas pelos almanaques locais <sup>2</sup>, estabelecimentos estes que continham diversidade de produtos e alimentavam a dinâmica rede comercial local pela compra, venda e troca de mercadorias.

Dessas indicações, iniciais e fragmentárias, mas que nos levam a uma rede comercial, sugerida pela presença de ruas comerciais e mercado, bem como uma maior distribuição de produtos, participemos um instante com a “surpresa” do atordoado viajante, que dubiamente admite: *“De modo geral, observa-se uma certa atividade e o comércio parece relativamente importante. Aliás, Fortaleza é o entreposto de quase todo estado”* (WALLE, 2006 [1920]: 224). Se tomarmos a “surpresa” de Paul Walle como um ponto de convergência deste com outros sujeitos freqüentadores de rotas que levavam ao porto de Fortaleza, teríamos comerciantes que, compartilhando de uma noção próxima ao do estrangeiro, isto é, da existência de um comércio em vias de crescimento, começavam a perceber a capital cearense como possibilidade de inserção e novos investimentos.

Nessa ótica, fica mais claro entender o porquê de Jamil Asfora, ao dar conta da nova condição em que estava inserido, optou por estabelecer-se em Fortaleza. Tendo aí um primo que poderia facilitar sua vinculação ao ramo comercial que já desenvolvia, e as próprias prerrogativas das oportunidades que a cidade então dispunha, de alargamento de rotas e estradas, “iniciando-se no comércio ambulante”.

Chegando a Fortaleza, era o momento de “aviar-se” de mercadorias, tecer contatos com comerciantes, tanto patrícios como locais, compreender o funcionamento do comércio urbano (empréstimos, promissórias, créditos) e visualizar espaços de atuação. Assim, Jamil Asfora após alguns anos de mascateação, procurou estabelecer-se em locais de maior movimentação, acentuado pela existência [.....] público (e “pitoresco”) e lojas à Praça José de Alencar <sup>3</sup>, onde pequenas bancas, sobretudo, de tecidos, roupas e miudezas coexistiam diariamente na disputa por fregueses e espaços mais perceptíveis de atração.

Nesse espaço, onde estava localizada “quase toda a colônia síria e libanesa”, foi que este imigrante procurou dar continuidade ao seu projeto, procurando ampliar as alternativas de comercialização, redefinindo sua teia de contatos e elaborando estratégias de sobrevivência dentro do projeto coletivo (melhoria de vida, enriquecimento) que se delineava. Isto porque as

---

<sup>2</sup> O Almanaque do Estado do Ceará para o ano de 1903 aponta a existência de 12 Casas exportadoras, 71 importadoras e 152 casas retalhadoras. Vale ainda salientar que mais da metade destes estabelecimentos estavam localizados entre as Ruas major Facundo, Floriano Peixoto e Praça José de Alencar.

<sup>3</sup> A referida Praça se localizava no início das ruas Floriano Peixoto e Major Facundo, área central de comércio da cidade, nos arredores de onde hoje se encontra o antigo prédio dos Correios.

experiências dos imigrantes sírio-libaneses que se estabeleceram no Ceará entre finais do século XIX e início do século XX foram múltiplas e, por vezes, antagônicas.

Enquanto alguns imigrantes que por “ouvir dizer” dos espaços de atuação na cidade de Fortaleza deslocaram-se de outros estados brasileiros e passaram a investir em pequenas lojas a varejo na capital cearense. Outros, como Jamil Asfora, vindos diretamente do Líbano e com poucos recursos, contavam com a solidariedade de patrícios no tocante ao acolhimento e inseriam-se no pequeno comércio ambulante, alimentando a esperança de em algum tempo acumular capital e retornarem a terra natal ou alçarem posições um pouco mais confortáveis de comerciantes varejistas na sociedade cearense.

Essas redes sociais permitiam aos imigrantes dinamizarem e realimentarem continuamente suas atividades, tornando possível a expansão dos negócios entre os emigrados pelo trânsito de produtos e associações entre patrícios. Conforme o *Almanach* do Ceará em 1904,<sup>4</sup> foram relacionadas 7 Casas Importadoras de tecidos e miudezas em propriedade de imigrantes sírio-libaneses nas Ruas Floriano Peixoto (1), Major facundo (1) e Praça José de Alencar (5), sendo uma destas sob a nomenclatura de *Jorge Aphora & Irmão*. Possivelmente, o primo a que Jamil Asfora se refere e que uma vez proprietário de loja, vendeu as mercadorias que este necessitava para a mascateação, podendo ter sido também o exemplo do imigrante “bem-sucedido”, caminho que Jamil Asfora pretendia percorrer.

Já o *Almanach* de 1916,<sup>5</sup> traz dados significativos de como essas redes funcionaram como meio de colocar os imigrantes entre os comerciantes varejistas com singular relevância no comércio cearense. Nesse ano, foram incluídos 37 estabelecimentos comerciais pertencentes aos sírio-libaneses, sendo 20 desses localizados à Praça José de Alencar, configurando quase metade das lojas desse espaço. Nesse ínterim, levando em consideração a crescente expansão de firmas na cidade entre 1904 e 1916, fica perceptível que os sírio-libaneses não só acompanharam o aumento do número de negociantes no perímetro central da cidade, como por meio das teias comerciais que atraíam patrícios e novos investimentos focalizados no interior do grupo, passaram a ocupar parcela considerável dos estabelecimentos varejistas especializados em tecidos.

---

<sup>4</sup> Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (IC). João Câmara, *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará*, p.p. 121 – 123. (Ceará – Fortaleza: Typografica Fortaleza, 1905).

<sup>5</sup> IC. Sophocles Torres Câmara, *Almanach Estatístico, Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará*, p.p. 137 – 141. (Ceará – Fortaleza: Typographia Progresso, 1916).

Parece-me que controlar a venda a varejo, era um passo essencial, senão primordial para novos investimentos, que consolidaria a dinâmica coletiva do grupo, favorecendo sua visibilidade local e impondo diferenciadas relações com os demais mercantes nacionais, incluindo aí maior poder de negociação e barganha, bem como embasando posterior ascensão social. Nesse sentido, o sentimento de pertença e organização étnica pode ter representado um fator decisivo, no sentido de estratégias voltadas a afirmação dos sírio-libaneses no âmbito do comércio.

Dessa forma, como conseguiram em questão de alguns anos deterem maior parte do número de lojas de fazendas, retalhos e miudezas, predominando sobre tal setor é algo que perpassa a estrutura organizacional dos imigrantes, no que se refere às redes de solidariedade e auxílio mútuo criadas e recriadas por esses indivíduos não só na capital cearense, mas também em interconexões com a região interiorana do estado (Sobral, Quixeramobim, Icó). Sendo consideradas ainda as formas como se apropriaram dos mecanismos de funcionamento do comércio cearense e negociaram posições estratégicas no interior da hierarquia (atacadistas, varejistas, ambulantes) na qual passaram a estar inseridos.

Contudo, tais relações que geriam uma complementaridade entre os imigrantes não eram harmoniosas e nas relações intrínsecas ao grupo, por vezes emergiam conflitos condizentes a questões de exploração de trabalho, condição social, concorrência e acertos de negócios. Em resumo, tais conflitos circunscreviam os diversos âmbitos que os sírio-libaneses adentraram na hierarquia comercial cearense, isto é, além da mascateação e posse de pequenas bancas do mercado, como Jamil Asfora, foram intensos também os investimentos em lojas a varejo de tecidos, e em menor parcela sobre armazéns de importação-exportação.

Por outro lado, as sociedades engendradas pelos sírio-libaneses por vezes transpunham o círculo de parentesco, sendo notabilizadas criações de firmas em conjunto com comerciantes nacionais, além de tratos imobiliários no centro da capital e acordos financeiros realizados diretamente com pequenos e grandes comerciantes locais. Dessa forma, qualquer mobilidade social no seio dessa hierarquia necessitava de saber jogar as “regras” de funcionamento do comércio interno, angariando vantagens, troca de favores e tecendo alianças que permitissem dilatar os domínios de atuação.

Jamil Asfora, ainda se tornaria sócio de uma madeireira junto a dois comerciantes cearenses nos final da década de 20, percorrendo rotas que levavam ao Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas no intuito de alargar parcerias comerciais (CARVALHO, 2003 [1963]: 300 – 315). A firma se endivida e abre falência. O “galego” logo se voltou a outros projetos e iniciativas. Galego porque os sírio-libaneses exerceram os mesmos labores, de ambulantes e

caixeiros, que os imigrantes portugueses (naturais da Galícia) ocuparam no Ceará na segunda metade do século XIX.

Porém, tal designação extrapolava o âmbito da naturalidade e da proximidade das atividades comerciais, adquirindo todo um teor depreciativo em torno da eventual pobreza e ignorância dos imigrados. Analisando os conflitos entre nacionais e portugueses no Rio de Janeiro, Chalhoub (2001) salientou que o fundo pejorativo do “galego” residia no fato de que estes ocupavam grande parte do comércio varejista da cidade, trabalhando de 12 a 14 horas por dia e com profundo senso de economia, gerando descontentamento dos trabalhadores nacionais, que não tardavam em acusá-los de exploradores e avarentos.

No Ceará, tais significados podem ter incrementado a depreciação em torno dos sírio-libaneses, ainda mais visualizando que estes “galegos” tornaram-se predominantes no ramo de tecidos e miudezas e exerceram a acumulação de capital como forma de investimentos futuros em bancas do mercado e lojas. Todavia, tais elucidações ainda necessitam de investigações mais aprofundadas a respeito do comportamento dos imigrantes no interior das redes comerciais e as práticas que lançaram mão no intuito de efetivarem seus projetos.

Em suma, o que até aqui demonstro, foi que a inserção dos sírio-libaneses no Ceará, imbuídas no “ouvir dizer”, se tratou de um rearranjo interno e contínuo do grupo no que diz respeito a ampliação e (re)alimentação das atividades a que estavam vinculados por meio de uma rede social articulada e até certo ponto, bem definida, com motivações próprias (ascensão social, solidariedade, ajuda mútua) e sujeita a reavaliações de acordo com os contextos sócio-econômicos em quem ingressavam.

## **BIBLIOGRAFIA**

CARVALHO, Jader de. **Aldeota**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003 [1963].

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

KNOWLTON, Clark S. **Sírios e Libaneses**: Mobilidade social e espacial. São Paulo: Ed. Anhambi, 1960.

GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil**: história oral de imigrantes. São paulo: Gandalf Editora, 2005.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: Histórica, Retórica, Prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.p. 13 – 45.

HAJJAR, Claude Fadh. **Imigração Árabe**: 100 anos de reflexão. São Paulo: Ed. Ícone, 1985.



MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho.** Bauru - SP: EDUSC, 2002.

PIMENTEL, Valderéz Cavalcante. **A aculturação do imigrante sírio no Piauí.** Teresina: Ed. Projeto Petrônio Portela, 1986.

TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil.** Natal: UFRN. Ed. Universitária, HUCITEC, 1995.

THOMPSON, E.P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros** (uma crítica ao pensamento de Althusser); Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo.** São Paulo: HUCITEC, 1997.

\_\_\_\_\_. O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos – Um enfoque comparativo. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, n.27, 2001.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas.** 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

WALLE, Paul. **No Brasil, do Rio São Francisco ao Amazonas.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006 [1920].